



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA

# HISTÓRIA VERDADEIRA UMA LIÇÃO

Por TEREZA de CARVALHO

**T**ODOS os dias, que Deus deita a este mundo, ela passa à minha rua, e todos os dias, também, os meus olhos se prendem ao seu vultozinho esguio e delicado.

É filha duns modestos trabalhadores do campo, mas, como não há em casa outra menina, os pais amimam-na e trazem-na num brinquinho, muito lavadas e frescas as chitas de ramagens dos seus bibes.

De resto, a garota presta-se a todos os enfeites, e a boina vermelha, posta no alto dos seus cabelos loiros, lembra uma enorme papoila, espreitando dum mar de espigas já maduras.



gada ao calor da lareira, um madeiro enorme a arder, a arder sempre, nas noites frias da minha terra. Vai longe o tempo... Deixei de ser criança mas na minha alma ficou sempre uma réstiazinha muito leve de sonho, e é essa réstia levezinha que acorda em mim, quando, todos os dias, que Deus deita a este mundo, eu a vejo passar à minha rua.

Há talvez uma semana, encontrei-a ao sair da escola. O bolsozinho dum



Deviam ser assim as fadazinhas daqueles contos lindos, que me contavam em pequenina, muito aconche-



(Continua na pág. 8)

# MÃIZINHA

POR CARLOS F MACHADO

O Menino Jesus, pelo Natal,  
Deixou-lhe uma boneca de presente.  
Ao vê-la, ficou louca de contente,  
Pensou logo fazer-lhe o enxoval.

Beijou-a com amor e com paixão,  
Nas mãozinhas a ergueu com todo o jeito,  
Depois cingiu-a, docemente, ao peito,  
Para a ter bem chegada ao coração.

Trata-a tal qual as mãis aos seus filhitos,  
Por ela tem extremos requintados,  
Rodeia-a de conforto e de cuidados,  
De afagos e desvelos infinitos.

Nem um momento a quer' desamparar,  
Com a saúde tem grandes cautelas,  
Anda sempre a fechar portas, janelas,  
Por causa das terríveis pontas de ar.

Levando-a à rua, mostra-lhe a cidade...  
Contudo, com receio que adoeca,  
A cada passo apalpa-lhe a cabeça,  
Cheia de sobressalto e de ansiedade.

Compra-lhe gulodices, rebuçados,  
Quando aos parques a leva ou aos jardins,  
Muitas vezes lhe muda os carapins;  
Pode ter, por acaso, os pés molhados.

Traz de malhas seu corpo bem coberto,  
Vestido, capa, piúguinhas, touca...  
Para evitar que venha a ficar rouca;  
(Se assim não fôr, constipa-se, por certo.)

Conta-lhe histórias cheias de espertezas,  
Das mouras encantadas, dos anões,  
Dos cruéis lobishomens, dos liões,  
Das feiticeiras, pagens e princesas.



Fala com a boneca o dia inteiro,  
E se a julga a fazer uma perrice,  
Ralha, dá-lhe conselhos com meiguice  
Mostrando o seu feitio justiceiro.

Canta, ao adormecê-la, com amor,  
Uma doce canção, meiga, dolente;  
Embala-a nos seus braços docemente,  
Reza por ela a Deus Nosso Senhor.

E o afecto que lhe tem é tão profundo,  
Tão grande a devoção e tão sentida,  
Que a sua filha, tão estremecida,  
Jamais troca por nada dêste mundo.

# BONECA DE TRAPO

POR JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

NUMA praia muito distante  
e misteriosa, onde o mar  
era côr de ouro, de man-  
hã, e prata, à tarde, e  
onde as areias fulvas  
mais pareciam um ma-  
ravilhoso tapete ideal,  
era costume as sereias  
aparecerem por lá, mostrando a sua

formosura e cantando as suas árias  
lindas.

Quando isso sucedia, perdiam-se os  
navegantes, e os peixes adquiriam  
cores e formas caprichosas, como em  
parte alguma existiam.

Era um encanto.

Mas quando a princezinha Tita,  
acompanhada por outras princezinhas

suas amigas, Odete, Fernanda, Dulce  
e Lucilla, iam até à praia, faziam sem-  
pre sensação, tão lindas e radiosas  
elas eram, principalmente a princezi-  
nha Tita, cujas linhas graciosas e gen-  
tís eram o enlevo de quantos a viam,  
e cujos olhos escuros e sombreados  
por formosas e sedosas pestanas, mais  
pareciam estranhos faróis, que, simul-

# PROVÉRBIOS

Por MARIA LUÍZA NEVES CONCEIÇÃO

O Rogerinho não percebia bem o sentido dos provérbios. Por esse facto, a mãzinha resolveu, em contos simples, para poderem ser compreendidos pela sua inteligência de criança, explicar-lhe os adágios populares mais em uso.

Como calculamos que a outros meninos sucederá o mesmo que ao Rogério, principiemos esses contos que, a pouco e pouco, iremos narrando...

## NEM TUDO O QUE LUZ É OURO

O Manel e o Toino eram dois rapazotes de uma aldeola dos arredores de Gaia; um dia resolveram ir até ao Porto.

Passaram pela cidade em todos os sentidos, passaram e repassaram pelas artérias mais concorridas e, por fim, repararam na montra de uma joalharia, onde resplandeciam as pedras preciosas e a filigrana de ouro.

Acharam bonito e perguntaram, a alguém que passava, o que era aquilo que tanto brilhava.

— «São pedras preciosas, de grande valor; caríssimas já por si próprias, já pelo trabalho da cravação.»

Da resposta só perceberam bem que aquilo valia dinheiro, e o Manel não pode deixar de dizer:

— «Eh! rapazes! Quem cá dera uma! Ainda hoje conhecia outro dono...»

E, com os olhos cheios de tanta coisa linda, voltaram à sua terra.

Passado tempo, o Toino apareceu esbaforido em casa do Manel, gaguejando:

— «Estou rico!... Estou rico...»

— «Home! Por quê?»

— «Vê o que achei!» — e mostrou uma pedra branca, quasi do tamanho de cinquenta centavos, que brilhava como uma estrêla, na opinião do Toino.

— «Ena, pá! Que grande ameixa!» — (bradou o Manel abismado) — Se aquelas do Porto valiam tanto, essa então... Parece a do anel do Bispo! Onde estava?»

— «No rio. Vi-a, luzindo no fundo e fui lá buscá-la.»

— «Então é tua e bem tua.»

— «E vou já vendê-la. Queres vir?»

E lá foram de abalada para o Porto. Mas, — ó desilusão! — o primeiro ourives onde entraram, desenganou-os logo: a linda pedra não passava de um misero seixo de arestas brilhantes, como tanta vez se encontra.

Regressaram a casa cabisbaixos e, só então, o pobre Toino disse ao companheiro:

— «Bem diz o senhor Prior: nem tudo o que luz é ouro!»



tâneamente, cegavam e deslumbravam.

Numa tarde gloriosa, cheia de sol e de suave brisa, tiveram, a princezinha Tita e suas amiguinhas, um curioso sonho: transformar todas as bonecas de trapo das meninas pobres em lindas bonecas que falassem e dissessem pelo menos *Papá e Mamã*. Porque isso, pensavam elas, devia ser uma das coisas mais geniais do Mundo, diante da qual os próprios homens ficariam pasmados, e porque isso, também, havia de encher de alegria tôdas as casas onde existissem meninas.

Se assim o pensaram, melhor o fizeram.

Em certo dia, tôdas as bonecas de trapo apareceram, perante o assombro de tôdas as meninas pobres, a falar e a dizer — *Papá e Mamã*.

O certo era que tôdas as meninas possuíam bonecas falantes, que pare-

ciam vivas. Mas, ao contrário do que as princezinhas esperavam, nem tôdas acharam graça, e, muito menos, encanto, áquela metamorfose. Houve



mesmo uma que rejeitou, decididamente, a troca, dizendo:

«Esta boneca de trapo deu-me muita alegria; tem sido a minha companheira, tanto nos dias felizes como nos dias *maus*. Tenho dela as melhores recordações. Não a troco. É quasi uma irmãzinha. Se eu a trocasse, parece-me que perdia a felicidade, Oh! querida boneca de trapo!»

Entre as princezinhas houve grande celeuma por causa desta inesperada oposição ao seu sonho transformista. Parecia-lhes impossível que houvessem meninas que preferissem uma boneca de trapo, muda, sem beleza nem expressão, a outra melhor, mais bonita e bem falante.

Mas a princezinha Tita sensibilizou-se com a atitude daquela pobre menina, perante a boneca de trapo, porque tal atitude mostrava bons sen-

(Continua na pág. 7)



# O MEU SONHO

POR

MARIA DINIZ MARTINS

Sabem?... Sonhei, um dia,  
que era aviador!...  
Andava pelo ar,  
(dos ventos ao sabor)  
a voar... a voar... —

Olhei, em baixo, a terra...  
Achei-me gigantesco!  
(Herói funambulesco...)  
Subi... subi... subi...  
Subi, até aos Céus!...

Passei além das serras,  
das nuvens fui além...  
E era tão grande, assim,  
talvez como ninguém!...  
T'zo novo, já se vê...  
Fois homem, o que admira?!...)

Se chegar a ser homem,  
inda hei-de voar mais!  
Mais alto que os pardais...

Hei-de voar sózinho,  
sem asas d'alumínio,  
— nem avião!...

Será um dia, assim,  
a nova geração...

— Os seus braços abrindo,  
tal como a navegar...  
Assim irá subindo...  
a voar... a voar!... —

F I M

# A JUDAI O MENINO JESUS

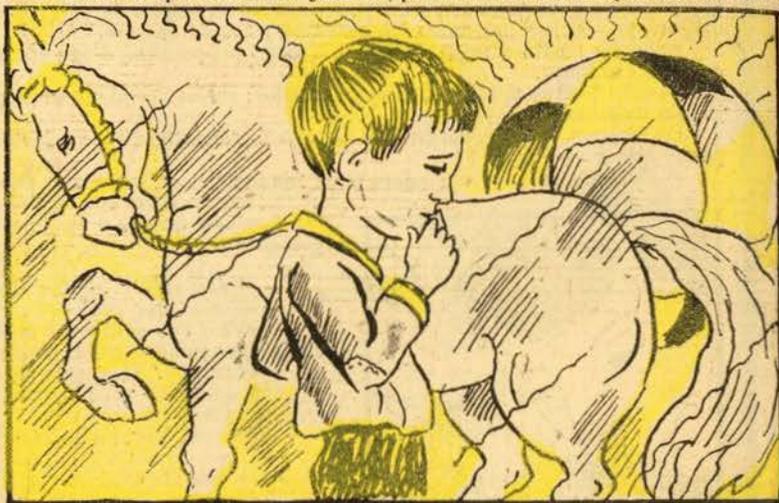
POR IDALINA CARVALHO RODRIGUES

**N**UM dia de Natal, muito cedo, o pequeno Rui, mal abriu os olhos, saltou da sua caminha, e foi, a correr, à chaminé, vêr o que o Menino Jesus lá pusera durante a noite. O pequenito sonhára que via na chaminé um lindo cavalo de pasta e uma bola de cores como a que vira, um dia, numa montra.

A mãe dizia-lhe que o Menino Jesus é

se foi por êsse motivo, então já não sinto tanta pena por não ter os brinquedos. Foi melhor que Ele desse saúde a um doentinho. Eu sou feliz porque tenho saúde; só desejava aquilo que nunca tive, um brinquedo! Mas, pronto, não se fala mais nisto! Dê-me um beijo, mãzinha, e eu já ficarei bem satisfeito!

Mas... o Rui continuava a pensar no seu lindo sonho. Fazia por esquecer, e não podia. Foi sentar-se à porta da sua humilde



amigo dos meninos bons e obedientes. Ora como êle era muito amigo da mãzinha e nunca lhe desobedecia, esperava que o Menino Deus satisfizesse o seu maior desejo, conforme todas as noites lhe pedia. Mas, ao chegar junto da chaminé, todo o seu sonho se desvaneceu!

Nos seus olhos, há pouco tão alegres, brilharam duas lágrimas que rolaram pelas suas faces pálidas e, chelo de tristeza, exclamou:

— «Mãzinha, o Menino Jesus não me trouxe nada! Seria por eu não pôr um sapato bonito na chaminé? Mas Ele bem sabe que só tenho êstes tão rôtos, pois que sou pobrezinho!»

A mãe, uma pobre viuva, que muito trabalhava para se sustentar e ao filho, abraçou-o e, beijando-o ternamente, disse-lhe: — «O Menino Jesus é amigo dos pobrezinhos mas a sua tarefa é tão pesada que, muitas vezes, não tem tempo para visitar tôdas as casas. Não estejas triste! Quem sabe, meu filho... talvez o Menino se demorasse mais nalguma casa onde houvesse uma criança doente, no intuito de lhe dar saúde e alegria, e, por isso, já não tivesse tempo de vir cá!»

Logo o Rui, num impulso do seu bom coração, exclamou: — «Oh! minha mãe,

casinha e, em breve, aproximaram-se dele o Luiz, o Fernando e o Jaime, os três filhos do médico da terra, muito estimado pela sua caridade para com os pobres.

Então, ao preguntarem pelas prendas



do Menino Jesus, o Rui, com os olhos marejados de lágrimas, respondeu: — «Não me trouxe nada, (e, com a tristeza no coração»  
(Continua na página 6)

# DOIS BONS AMIGOS

Por ESTÉLITA FERNANDA ADÃO NOBRE MENDES



Conheço duas crianças,  
Rabinas, até mais não,  
E dizem delas: — Dão esp'ranças...  
«São como o gato e o cão»!

Mas, em minha casa, tenho  
Dois bonitos animais...  
E é deles que falar venho,  
Pois não são coisas banais.

Chama-se um deles: «Lulu»,  
E' um bonito cãozinho;  
Chama-se o outro: «Bijou»  
E é um formoso gatinho.

Mas não se dão nada mal...  
Muito amigos eles são...  
Deitam por terra o ditado:  
— «São como o gato e o cão.»

Como dois bons amiguinhos,  
Não se vêem guerrear;  
Dá gosto vê-los juntinhos,  
Sempre a brincar, a saltar.

Não nos devemos fiar  
Nas aparências somente;  
Pois iludem, facilmente,  
Quem nelas acreditar.

# A LÓGICA DO CHIQUINHO

POR MARIA DE JESUS DOS SANTOS



SOFRE Ja monomania  
Da grandeza D. Edithe;  
P'ra ela só tem valor  
tudo que da moda fôr.  
tudo o que seja da «Elite».

P'ra convencer os vizinhos  
Que pratica a moda em tudo,  
Tem ditos disparatados,  
Por vezes muito engraçados  
Que faz rir os mais sisudos.

Como sabem, é da moda  
O «five o'clock tea»  
E tendo mandado o neto  
A' «Leitaria Aniceto»  
Este domorou-se ali.

Então, correndo à janela  
Sai-se com uma das suas.  
— «Jorge, as bolachas p'ró chá?...»  
Grita o garoto de lá;  
— «Avó, um tostão são duas!..»

# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas abelhinhas:

Os lencinhos, sempre tão apetitosos de trabalhar, constituem uma

distracção, não só agradável como também muito útil.

E sabem porquê, abelhinhas?

Porque é muito fácil perdê-los!

E, então, quando se é criança, quantos e quantos as nossas mãos, descuidadas, deixam cair, inconscientemente, por todos os cantos!

E' preciso, pois, que, para remediar um pouco esse mal, as mesmas mãozinhas descuidadas, se transformem, de vez em quando, em fadas habilidosas!

Proporciono-lhes, hoje, uma bela ocasião, trazendo-vos estes dois lencinhos.

O primeiro, feito em recorte, com um bordadinho a branco, torna-se bastante acessível à vossa ciência. O segundo, só com *à jour* e uma florinha, é de tão extrema simplicidade que, certamente, nenhuma deixará de executá-lo!

O *nanzouk* é o melhor tecido a empregar.

A tódas abraça, affectuosamente, a vossa amiguinha

ABELHA MESTRA

## BONECA DE TRAPO

(Continuação da pág. 3)

timentos. E, como recompensa, levou-a para o seu palácio maravilhoso onde tódas as princezinhas moravam e onde essa pobre menina passou a dormir em cama fôfa, ao lado da boneca de trapo, sua querida companheira de sempre.

Ao mesmo tempo que isso sucedia, o sol, refulgente, brilhava sobre as águas coloridas e as areias fulvas da praia, enquanto os peixes mergulhavam, aos saltos, as sereias cantavam árias de maravilha e os navegantes se perdiam no rumo das suas rotas.

Cosas espantosas tinham vindo ao mundo, provocadas por um grupo de princezinhas e por uma boneca de trapo.

## AJUDAI O MENINO JESUS

(Continuado da página central)

ção e um sorriso resignado nos lábios, acrescentou:) A minha mãe disse-me que talvez Ele se demorasse a dar saúde a algum pequenino doente, e portanto já não sinto tanto desgosto!

Tenho pena, sim, sonhei que Ele me tinha trazido um grande cavalo e uma bola colorida mas o meu sonho não foi verdadeiro!

Os pequenos ouviam-no silenciosos, e apreciavam a bondade daquele menino que queria esquecer o seu desgosto, para se alegrar com o bem que o Menino Jesus tivesse feito a outro menino que não conhecia!

O Luiz, o mais velho dos três irmãos, chamou-os de parte, combinou com eles qualquer coisa, que os outros aceitaram sorridentes, e aproximando-se do Rui, disse-lhe:—«Olha, pode ser que o Menino Jesus venha esta noite!(Depois, numa voz um pouco hesitante acrescentou:)— Às vezes— quando não tem tempo de visitar tódas as casas, vem na noite seguinte. Põe esta noite, outra vez, o teu sapato na chaminé!

Em seguida, despediram-se do pequeno

Rui, que ficou esperançado, e dirigiram-se para casa...

Caíu a noite; os três pequenos, transportando alguns volumes, bateram, mansamente, à porta do Rui, que logo foi aberta pela mãe do pequeno. Então, entregando os volumes que traziam, o mais velho disse-lhe:

—«Como o Menino Jesus não trouxe nada ao Rui, nós lembrámo-nos de lhe dar alguns brinquédos nossos. Ponha-os na chaminé, para que ele julgue que foi o Menino Jesus que lá os pôs!»

E, sem atender aos agradecimentos da comovida senhora, partiram, correndo.

O Rui, no dia seguinte, viu o seu sonho realizado! Na chaminé, lá estava um lindo cavalo, a bola de côres, e mais brinquédos que o deixaram louco de alegria!

O Luiz, o Fernando e o Jaime, pensavam às vezes:—«O Menino talvez não se zangasse da nossa piedosa mentira!»

Com efeito, o Menino Jesus não se zangou. Sorrindo, lá no Paraíso, muito satisfeito, pegou num livro branco, imaculado como um lírio, intitulado «Meninos bon-

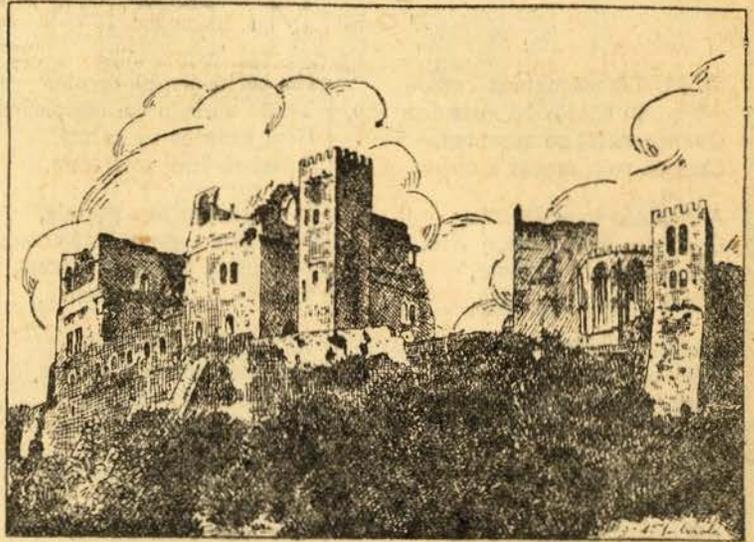
# REFERÊNCIA AUXILIAR

Data do tempo das lutas entre mouros e cristãos, quando D. Afonso Henriques procurava alargar os seus domínios mais para o Sul, este castelo, hoje em ruínas, cuja fundação ou reedificação é atribuída ao citado monarca.

Ora na posse duns, ora na posse doutros, entrou, definitivamente, na de Portugal no reinado de D. Sancho I.

A oeste, destaca-se a torre de menagem, mandada construir por D. Diniz, e ainda se encontra, no castelo, a Igreja de N. S.<sup>a</sup> da Pena, fundada pela Rainha Santa, e outras curiosas obras de arte, dignas da atenção do turista. Nêle residiu, durante bastante tempo, esta rainha que o fez sua residência preferida.

## CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



dosos», e escreveu, a letras de ouro, o nome dos três meninos!...

Meninos ricos, aqui lhes deixo um bom alvitre: A tarefa do Menino Jesus é pesada! Não é fácil visitar tanta casa em tão pouco tempo!

Vós podíeis ajudá-lo! Quantas vezes estragais brinquedos, só por já não gostardes deles, ou por terdes outros mais novos!

Pois esses mesmos brinquedos fariam a alegria dos meninos que não possuem nenhum!

Se o Menino Jesus não puder visitar, na véspera do Natal, a casa dalgum menino rico, este não sentirá grande pena, pois os seus paizinhos lhe comprarão os brinquedos que desejar. Mas se o menino é pobre, que desgosto para o pequenito a quem seus pais não podem dar-lhe essa alegria!

Daí, pois, aos pobresinhos os brinquedos de que já não gostardes ou pelo motivo de já terdes demais, que eles ficarão bem contentes, e o Menino Jesus vos agradecerá a vossa ajuda!

## CHARADAS NOVISSIMAS

Aqui, nesta terra portuguesa, há um grande monte de cacós. —1-5

O único homem que não gosta de uma planta lilácea gosta de dormir no sobrado. —1-2

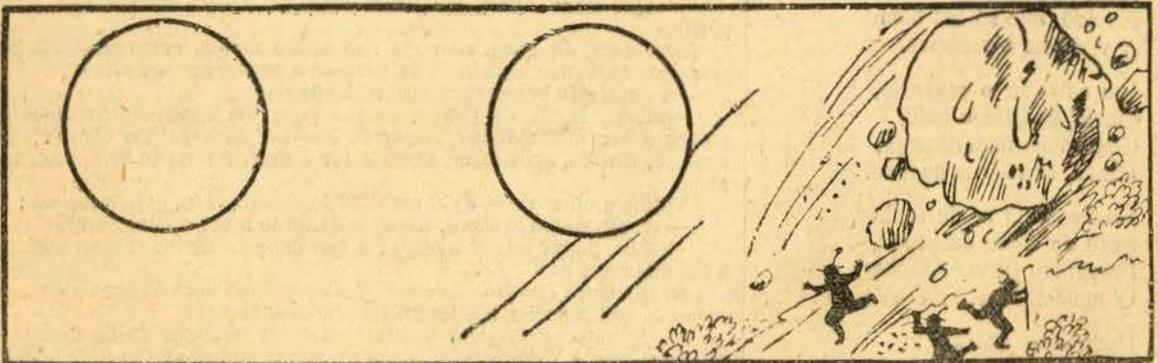
Esta planta espinhosa é a única que gosta do «homem». —2-1

Do nome de homem toma «nota», «mulher»! —2-1

Passai de noite com o resto duma vela na estrada e encandeai esta «ave». —2-2

## F I M

# L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um despenhadeiro

# O ((ZÉ)) CARLOS

POR M. CARVALHO

**M**UITA mágoa nos causou  
Zé Carlos há mais dum ano,  
Quando daqui se ausentou,  
Com os pais, manas e mano.

A saídade impertinente,  
Cada vez mais forte e viva,  
Não é por êle sómente,  
E' por tôda a comitiva.

Depois de terem partido,  
Não os esquecemos, não;  
Nem nos saiem do sentido,  
Nem do nosso coração.

Mas deixemos amarguras,  
Antes lavremos terreno,  
No campo das diabruras,  
Do simpático pequeno.



Aos dois anos pouco mais,  
Este petiz singular,  
Fez rir os avós e pais  
Com o que lhes vou contar:

Um dia mandou alguém,  
Meia dúzia de galinhas  
Ao avô, que só faz bem  
A vizinhos e vizinhas.

Viu entregar o presente,  
Ouviu, assistiu a tudo,  
Com olhar impertinente,  
Grave, sério, carrancudo.

No fim, com ar de senhor,  
Pose de chefe de povos,  
Preguntou de mau humor:  
O' mulherzinha... e os ovos?!...

Nove anos agora tem,  
Cresceu, já parece um homem,  
E, como se julga alguém,  
Já quer que por tal o tomem.

Um certo dia, na escola,  
Tendo ao lado um companheiro,  
Com bananas na sacola,  
Apanhou-lhas, sorrateiro.

O outro não deu por ela,  
Nem soube quem lhas comeu;  
Mas jurou ter mais cautela,  
Quando o caso percebeu.

A' sorrelfa, caladinho,  
Passadas poucas semanas,  
Na sacola do vizinho,  
Meteu força de bananas.

Sem nenhuma testemunha,  
Divertia-se a valer;  
Ora tirava, ora punha,  
Sem o outro perceber.

Êste, intrigado, usou manhas  
Para o autor descobrir;  
Mas ficou, sempre, às aranhas,  
E Zé Carlos sempre a rir.

Andou muito tempo nisto,  
Este figurão esperto,  
Sem jamais ter sido visto,  
Sem nunca ser descoberto.



Mas ao ver o camarada  
Cheio de melancolia,  
Por dó, pôs fim à piada,  
Contando-lhe tudo, um dia.

Há outras larachas suas,  
Como bem imaginais;  
Mas hoje conto só duas  
Para não me alongar mais.

■ F I M ■

## U m a l i ç ã o

(Continuação da 1.ª página)

lado, um cabazinho do outro. Não resisti a entabolar conversa. Segurei-a pelo braço e disparei a pergunta:

—«Ouve lá, pequenita, como te chamas tu?»

A garota olhou-me, não sei se surpreendida, se desconfiada, mas respondeu risonha:

—«Chamo-me Maria da Graça e tenho oito anos.»

—«Que lindo nome, tão lindo como tu. Outro melhor não poderiam pôr-te.»

Sorriu-me, de novo, com um riso muito meigo, como admirada de que, sem mais nem mais, uma senhora parasse a conversar com ela.

No desejo de brincar um pouco, continuei:

—«E tu, Maria da Graça, queres fazer um contracto comigo? Queres passar a ser minha filha? Dar-te-ei vestidos de sêda, um chapéu cheio de rosas, e, um dia, mais tarde, saberás ler e escrever muito bem, e até tocarás piano.»

Voltou a olhar-me e, após um silêncio embaraçado, perguntou-me:

—«E eu, minha senhora, nunca mais torno a ver a minha mãe?»

—«Sim, podes tornar a vê-la; o que deixas é de lhe chamar mãe, porque a tua mãe serei eu.»

Sentimentos diversos iluminaram o rostozinho doce da pequenita; por fim, resoluta, sem a menor hesitação, encara-me e diz-me:

—«A senhora é muito bonita; parece a santinha da Conceição que a avôzinha tem à cabeceira da cama; a minha mãe não é tão fina, nem tem as mãos brancas com aneis de pedrinhas, e eu gostava muito de ser sua filha, mas como a gente não pode ter duas mãis, então, antes quero a minha!»

Que bela lição de nobre e santo amor!